

Auta de Souza: superando barreiras de gênero e raça no espaço da literatura feminina dos oitocentos

GENILSON DE AZEVEDO FARIAS¹

Introdução

Este trabalho busca enfatizar a poeta oitocentista potiguar Auta de Souza (1876-1901), sobretudo no que tange à sua atividade de intelectual a partir de um viés diferenciado que articula história e antropologia. Criada no seio de uma cultura patriarcal e católica bastante arraigada às tradições e sendo a única mulher no meio de quatro irmãos homens, para se firmar enquanto escritora, Auta teve de superar barreiras de gênero e raça em uma época preconceituosa e sexista, sobretudo para com as mulheres que se dedicavam à escrita.

Reconhecer Auta como mulher, poeta e negra nos faz perceber nela valores muito peculiares à sociedade oitocentista para quem ela se tornou verdadeiro mito por agregar em si qualidades próprias do que era solicitado às mulheres de sua época. Além disso, ao destacarmos o papel da mulher nesta sociedade, observando a conduta de Auta, evidenciaremos também qual o lugar ocupado pelos homens brancos e ricos, para os quais as mulheres deveriam se manter submissas seguindo o modelo católico da época.

Enfim, contextualizaremos o local que a poeta viveu e as suas peculiaridades, observando a posição que ela ocupava naquela sociedade, os motivos porque ela foi tão bem aceita na imprensa nacional, e, concomitantemente, identificando os valores morais próprios da sociedade oitocentista que limitava os espaços que deveriam ser ocupados pelas mulheres e pelos negros e seus descendentes.

1. O cenário familiar e sócio-econômico da poeta

¹ Aluno do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Norte. Bolsista Capes.

Em meados do século XIX, o eixo América do Norte - Europa passou por uma série de conflitos repercutindo de forma positiva na economia do Nordeste brasileiro, bem como na Província do Rio Grande do Norte². Na alçada desse processo, Macaíba, cidade vizinha de Natal, despontou enquanto o principal entreposto comercial do algodão da Província. Macaíba alcançou um desenvolvimento comercial considerável, haja vista que o progresso econômico da cidade atraiu muitas famílias de comerciantes que trabalhavam com negócios de exportação e importação de produtos, comerciantes estes que vinham das Províncias vizinhas. Dentre eles, merece destaque Fabrício Gomes Pedrosa paraibano de Brejo de Areia.

Por estar localizada no centro natural do sistema hidrográfico da bacia do rio Potengi, Macaíba firmava-se num ponto irradiador das principais artérias naturais de comunicação para os centros agrícolas de maior representatividade da Capitania. Dessa forma, Macaíba convergia e repassava maior parte da produção agrícola provincial, sobretudo a produção de algodão, que através de botes desciam pelo rio Potengi destinando-se ao Porto de Natal. Deste ponto, o algodão provincial fazia uma escala pelo Porto do Recife e só então ganhava o Oceano Atlântico em direção às indústrias têxteis européias, sobretudo inglesas.

Nessa realidade de comercialização fluvial, destacou-se a firma **Paula, Eloy & CIA**, que era uma das mais prósperas da cidade e de propriedade da família de Auta de Souza (CASCUDO, 1961). Empresa esta que nasceu através da parceria entre Eloy Castriciano de Souza, pai de Auta, e o capitalista Francisco de Paula Rodrigues, que mais tarde viria ser sogro daquele. A empresa se tratava de uma financiadora das safras de açúcar e algodão dos principais centros produtores da Província do Rio Grande do Norte sendo a farinha de mandioca, arroz e milho os principais produtos comercializados por ela.

2. Conhecendo a nossa escritora

² Entre os anos de 1860 e 1865, ocorreram conflitos nas ex-colônias inglesas deflagrando a Guerra de Secessão. Com este conflito, o abastecimento de algodão norte-americano para a indústria têxtil européia foi cortado. Todavia as empresas européias, sobretudo inglesas, precisavam da importante matéria-prima com a qual produziam os tecidos. Isso foi determinante para que ocorressem grandes modificações no Nordeste (MONTEIRO, 2009), inclusive, na província do Rio Grande do Norte.

Auta de Souza nasceu no dia 12 de Setembro de 1876 na cidade de Macaíba que à época, figurava enquanto a principal cidade da Província do Rio Grande do Norte. Auta seria a única menina entre os seus quatro irmãos. Estudou em um Colégio religioso do Recife destinado ao ensino de meninas o que evidencia que sua formação legitimava a sociedade patriarcal cujos valores enfatizavam apenas que as mulheres deveriam se preparar para serem freiras ou esposas (FALCI, 1997).

Aos 17 anos iniciou sua produção poética e com 18 estreou na imprensa publicando poesias na revista **Oásis**, de Natal. Embora fosse intelectual numa época em que a escrita feminina nem sempre fosse bem vista, com o mundo das letras marcadamente masculino e branco, sua vida literária foi prolixa, atuando na imprensa de todo o país (TELLES, 2004). A despeito disso, ficou conhecida como a principal poeta norte-rio-grandense através de seu único livro de poemas: **Horto**. Mas acometida de tuberculose desde os 14 anos, Auta faleceu precocemente aos 24, no dia 7 de fevereiro de 1901.

Após sua morte, Auta foi transformada num mito dentro do nosso Estado por intelectuais e estudiosos da sua vida e obra, que lhe alçaram à condição de mulher modelo, caracterizada como a moça religiosa que, sendo tuberculosa, sofreu até o limite de suas forças, mas que deixou um livro que a eternizou. Todavia esses mesmos intelectuais não deram atenção para a excepcionalidade de sua condição: mulher, intelectual e negra nos oitocentos.

3. Superando barreiras de gênero e raça

Pelo fato de ser mulher e de apresentar traços negros, Auta teve que se enquadrar em parâmetros para que sua escrita, duplamente segregada, por barreiras de gênero e raça, fosse aceita. Para que seu intento fosse alcançado acreditamos que o silêncio sobre a própria cor nos seus escritos foi algo utilizado por ela como forma de se proteger, uma vez que a militância em relação à origem racial fechava portas naquele momento.

Vale colocar aqui que já há algum tempo, que gira uma discussão nos círculos literários do país sobre a questão da escrita de Auta não poder ser identificada como sendo de matriz afro-descendente. O motivo dessa exclusão do cânone é o fato de Auta

não fazer referência a assuntos ou personagens negros, nem se colocar abertamente como negra em seus escritos tal como pressupõem alguns críticos. Deixamos claro que aqui não temos a intenção de discutir essa questão por fugirem aos nossos objetivos,

Maria Lucia de Barros Mott, em seu trabalho pioneiro sobre mulheres negras escritoras brasileiras, salienta para a trajetória de algumas delas. Em relação à Auta, por sua vez, aborda a questão do silenciamento das suas origens negras por parte dos escritores que se debruçaram sobre sua vida e escreveram textos tanto de cunho laudatório quanto de ordem biográfica. Assim ela coloca:

Alguns biógrafos parecem tentar ocultar a sua ascendência negra, como se este fosse um dado negativo. A referência à cor da escritora “comprometeria” a posição social da família que pertencia à elite local, ou colocaria em questão o valor da poetisa? (MOTT, 1989, p. 6).

Em outro momento ela salienta para a produção de autores e autoras negros que tem permanecido sob fogo cruzado dos estudiosos da literatura que acusam “os que omitem a questão da cor, como Auta, muitas vezes não são considerados como negros” (MOTT, 1989, p. 11). Oswaldo de Camargo por seu turno, defende, mas com ponderações, a inclusão de Auta no rol dessa categoria de escritores levantando uma série de justificativas para defender sua posição frente à questão. Assim ele coloca sua opinião em uma coluna intitulada *Auta de Souza. Negra. Mas não sabia*:

Surge falar com brevidade de Auta de Souza. A mulheres negras brasileiras estão descobrindo a frágil e pequenina Auta, que foi também como poeta, Ida Salúcio e Hilário das Neves. [...]. Tem pretendido alguns escritores negros que se incluam Auta de Souza na lista de poetas afro-brasileiros empenhados em realçar a sua porção negra, a sua africanidade, ou, pelo menos, a sua presença aqui diferenciada devido à sua cor de pele. Quem sabe se encontre, sob os versos de **Horto** surda e quieta, a palavra negra de Auta. Tudo é possível, mas, que saibamos, Literatura negra se faz com indícios claros cercando mais de perto uma intenção. Se incluirmos nessa literatura a pequena e frágil Auta, temos que forçosamente – levados por uma literatura intencionalmente subterrânea – incluir, por sua vez, Olavo Bilac, machado de Assis, B. Lopes, Alberto de Oliveira, Henrique Castriciano, irmão de Auta, todos negros ou mulatos. A nosso ver se esquecem, esses propugnadores da presença de Auta nesta Literatura de expressão negrista, que o que importa, ao final, não é ser, como incansavelmente se intitulam tantos, “um poeta negro”, um “contista negro”. O mais importante é ser primordialmente ser escritor, falar [...], das experiências mais profundas do ser humano. Entre elas – se for o caso de um negro -, essa experiência. Inútil, porém se não se

trata de uma autêntica aventura de escritor. Nada justifica um escritor que não é, nem a cor da pele. E é aí que as mulheres negras tem a razão de trazer à memória, dentro da sua busca de igualdade a preta Auta de Souza: ela foi autêntica poeta, e como tal, é um nome que permanece. Está à frente por isso mesmo, de “poetas negros” que perambulam pelo país oferecendo banquetes de palavras que soam qual mal preparada e indigesta ceia. Auta de Souza, despretensiosa, foi poeta. Bastou isso, deixou marcas, e fica na literatura brasileira apenas com isso. Porque mais? (CAMARGO, 1987, p. 65).

Já a acadêmica Monique Adelle Callahan em seu estudo comparativo intitulado *Between the lines: Literary transnationalism and african american poetics* (2011) se posiciona defendendo a inserção da poesia de Auta no seio do referido cânone literário. Assim ela diz:

In “Fio Partido” Auta explores freedom through meditation on death; in “Minh`Alma e o verso”, (My soul and Poetry), she explores freedom through the poet’s relationship to language. By presenting escape from the body as a legitimate form of freedom, “Fio Partido” and “Minh`alma e o verso” inquire into interrogate the symbolic relationship between slavery and freedom as they play out against the backdrop of personal reflection and the moment of creative inspiration. In both instances, Auta collapses the binary between freedom and slavery. Further-more, each poem reflects and reinterprets the language and symbols of freedom that circulated both nationally and transnationally in the Americas.

[Em “Fio Partido” Auta explora a liberdade através da meditação sobre a morte, em “Minha verso e o verso”, ela explora a liberdade através da relação do poeta com a linguagem. Ao apresentar a fuga do corpo como uma forma legítima de liberdade, “Fio Partido” e “Minh`Alma e o verso” investiga e interroga a relação simbólica entre a escravidão e a liberdade como eles jogam contra o pano de fundo da reflexão pessoal e, no momento de inspiração criativa. Em ambos os casos, Auta colapsa o binário entre liberdade e escravidão. Mas além disso, cada poema reflete e reinterpreta a linguagem e os símbolos da liberdade que circulou tanto a nível nacional e transnacional nas Américas.] (CALLAHAN, 2011, p. 97) (Tradução livre do autor).

Sobre isso, Lívio Sansone (2003) observa que o fato das pessoas ainda hoje se identificarem como mais claras do que realmente são, sobretudo nos censos, mas também no dia-a-dia, está ligado ao desejo de desenfatar a negritude reduzindo as possibilidades de serem vitimadas pelo racismo. Numa época em que o fato de ser

mulher incorria numa série de limitações e repressões, ser negra aumentava as chances de represálias, militar pela negritude³ se tornava ainda mais complicado.

Vale colocar que se havia uma carga de preconceitos com as mulheres escritoras, em relação às escritoras negras eles ainda eram maiores. Exemplo disso foi o caso da escritora mineira Carolina Maria de Jesus. Segundo Maria Lúcia Mott (1986), Carolina nasceu em 1914 sendo neta de escravos, foi criada pela mãe passando por necessidades inclusive, tendo que abandonar os estudos primários para trabalhar numa fazenda. Tal como outras escritoras, Carolina também se dedicou aos estudos por conta própria, casou, teve filhos mais nunca abandonou os estudos. Chegou a escrever três obras. Todavia:

Ainda hoje algumas pessoas olham com reservas a obra de Carolina, negando inclusive a autoria de seus livros, atribuindo *Quarto de despejo* ao jornalista Audálio Dantas. Esta não é a primeira vez que o livro de uma escritora negra tem a autoria atribuída ao apresentador da obra (MOTT, 1989, p. 8).

Além de todo esse descrédito em relação à potencialidade intelectual sofrido pela escritora, Carolina ainda teve que sofrer com a resistência dos círculos editoriais em seu próprio país. Conforme Maria Lucia Mott, nenhuma editora se dispôs a publicar seus trabalhos de tal forma que seu livro de memórias, **Diário de Bitita**, foi publicado primeiramente na França, em 1982 e só em 1986 é que teve sua edição realizada por uma editora brasileira (MOTT, 1989). Mesmo assim, grande parte da sua produção foi ela própria que custeou sendo alvo de censuras devido o teor dos seus escritos.

A maranhense Maria Firmina dos Reis por sua vez, mulata e bastarda, por intermédio de familiares adotivos consegue estudar e se tornar professora e “em 1859, publicou o romance **Úrsula**, primeiro romance abolicionista e um dos primeiros escritos por uma mulher brasileira” (MUZART, *apud.* MUZART, 2000, p. 264). Com este livro, em plena São Luiz escravocrata, sua escritora traz uma visão diferente acerca da questão da Abolição, sendo nele inclusive que “pela primeira vez o escravo negro tem voz e,

³ Segundo Lívio Sansone (2003) por negritude devemos entender que seja o comportamento e a atitude individuais pautadas na manifestação do orgulhar-se em ser negro.

pela memória, vai trazendo uma África outra, um país de liberdade” (MUZART, *apud*. MUZART, 2000, p. 266).

Em contrapartida, o livro não teve maior repercussão nos círculos literários do país. Primeiro pelo fato dele ter sido editado numa Província longe da corte, também por ter sido escrito por uma mulher negra, mas sobretudo pelo seu forte teor de militância (MUZART, 2000). Maria Firmina certamente era ciente de sua posição de dupla subalternidade por ser mulher por ser negra naquelas paragens, fato este que a levou a utilizar o pseudônimo “uma maranhense” como forma de se proteger contra represálias e as críticas, segundo Zahidé Muzart (2000).

De fato, seu trabalho permaneceu durante muitos anos relegado ao ostracismo, sendo anos mais tarde, mais precisamente em 1962, que Horácio de Almeida descobriu um exemplar do livro **Úrsula** num dos sebos do Rio de Janeiro (MUZART, 2000). Além do esquecimento do livro, até mesmo sua autora permaneceu desconhecida tanto que no prólogo da edição Fac-similiar 1975, Horácio Almeida salientou para ausência da escritora nos estudos críticos dedicados à literatura do Maranhão.

Sem sombra de dúvidas o silenciamento da própria cor nos seus escritos e a imagem produzida sobre si foi um dos motivos mais preponderantes da obra de Auta ter alcançado tamanha aceitação na imprensa brasileira da época que ainda fechava portas para as mulheres e para os descendentes negros. Assim, sempre que falarmos em escrita feminina no século XIX a obra de Auta vai ter grande importância, sobretudo por ela representar uma pequena parcela de mulheres negras que ficaram conhecidas pelo hábito da escrita e como todas elas, acreditamos que Auta também teve de romper barreiras até adquirir seu espaço.

Indicativo disso é a amplitude que seu nome e sua escrita ganhou a nível nacional. Quando começamos a levantar os textos acerca de Auta percebemos que a fortuna crítica que se fez sobre ela e sua poesia através dos anos é imensa em relação ao pouco que escreveu, apenas um livro e poemas esparsos. Auta teve seu nome citado e poemas publicados em jornais e revistas do Rio Grande do Norte e de vários estados do Brasil na primeira metade do século XX. Vale também colocar que toda essa repercussão de Auta na imprensa do país se deu também pela influência política que Henrique e Eloy dispunham nessa época.

Em pesquisas realizadas na Fundação Biblioteca Nacional - RJ encontramos os originais da Revista literária *A Mensageira*, periódico da cidade de São Paulo e que era dedicado à mulher brasileira burguesa e que tinha circulação quinzenal. Conforme salientado anteriormente o referido órgão literário, contava com a direção de Priscilliana Duarte de Almeida e que funcionava com a colaboração de inúmeras personalidades da época (TELLES, 2004).

Nas edições publicadas de 15 de junho de 1897 e de 30 de junho de 1898 Auta publicou respectivamente os poemas *Caminho do Sertão* e *Natal*. Nessas duas edições em que foi colaboradora, seu nome figurou entre nomes de realce dentro da vida literária do país, tais como o de André Rebouças, Priscilliana Duarte de Almeida, Júlia Lopes de Almeida e tantos outros.

A revista também funcionava como importante espaço de manifestação intelectual onde as mulheres poderiam expressar a arte da palavra. E, para além disso, através da participação da poeta nos círculos literários do país, percebemos também que havia uma circularidade de idéias a respeito do ideal de mulher e os papéis que elas deveriam desempenhar dentro daquela sociedade e que Auta não estava alheia a ele. Como representativo da expressividade que o nome de Auta ganhava no país naquela época, na edição de 30 de junho de 1898 encontramos a seguinte nota que apresenta a poeta potiguar ao público leitor da revista paulista:

Nova Collaboradora – Trazida pela sympathica apresentação de Georgina Teixeira, iniciou sua colaboração na **Mensageira**, Auta de Souza, poetisa do Rio Grande do Norte, no dizer de sua graciosa apresentante “que principia revelando talento”. Não é inteiramente desconhecida aquela poetisa: há tempos **O Paiz** publicou um soneto de sua lavra e pela leitura do **Caminho do Sertão**, terão visto as leitoras que temos motivo de justa alegria com a aquisição dos trabalhos da nova paladina. (*A Mensageira*, 30 de junho de 1898).

Para tanto, a despeito de toda a repercussão que seu nome e obra ganhou no país, acreditamos que algumas subalternidades tiveram que ser obliteradas para que fosse tão bem aceita no espaço das letras. A primeira delas era o fato de ser mulher num contexto de dominação masculina e que não admitia as mulheres no espaço público, e quando as aceitavam, elas eram vistas com certa reserva. Sherry B. Ortner (1979) fez a

diferenciação entre o conceito de natureza e cultura e de como eles foram atrelados ao homem e a mulher estrategicamente e com objetivos bem definidos em diferentes sociedades.

Tendo em vista uma série de fatores que se ligam à anatomia do corpo, à procriação, à criação dos filhos e ao domínio do espaço doméstico, a mulher foi sendo identificada como sendo mais próxima da natureza a qual foi por muito tempo vista como sendo inferior à cultura. O homem por sua vez, foi associado ao âmbito da cultura ao qual esteve vinculado e sendo proprietário de outros domínios da atividade do pensamento cultural e da ação humana de transformar.

Nesse sentido, sendo as mulheres oitocentistas vinculadas por diferentes fatores à natureza, como poderiam elas se atrelarem ao espaço da escrita, espaço este pertencente ao âmbito da cultura? Além disso, houve todo um discurso médico e biológico que subordinava a mulher ao homem e a relegava ao espaço da casa (ROSALDO, LAMPHERE, 1979). Quando as mulheres exerciam poder no espaço público, tal como Nísia Floresta, frequentemente eram tidas como escandalosas. Para elas era esperado que se adequassem a um ideal de feminilidade. Conforme Bourdieu:

Ser “feminina” é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é “muito feminina” não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder (BOURDIEU, 2007, p. 118).

Os caminhos pelos quais elas deveriam ganhar prestígio, visibilidade e um sentido de valor eram associados ao mundo doméstico e da subserviência (ROSALDO, LAMPHERE, 1979). Sobre a atuação dos homens e mulheres nos espaços públicos nos diz Michelle Perrot: “O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, [...] (PERROT, 1998, p. 7). Ainda segundo ela, questionando essa idéia, afirma que segundo o pensamento da época: “A mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade” (PERROT, 1998, p. 9).

Segundo Simone de Beauvoir (2009) é a sociedade que de uma forma geral, forja aquilo que deva ser a mulher. Sociedade esta que ao longo das épocas sempre foi regida pelo domínio masculino o qual vem definindo quais os papéis que a mulher deve desempenhar, o perfil e o comportamento que ela deve adotar para que seja aceita nos círculos sociais que eles comandam. Conforme tão bem resumido em sua frase célebre: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p. 362).

A partir dos escritos dos escritos de Henrique Castriciano (1910), Eloy de Souza (1975) e Câmara Cascudo (1961), autores tomados como fontes nessa pesquisa, acreditamos que Auta de Souza, pertencente a uma família aristocrática do interior do Rio Grande do Norte também não fugiu a essa regra tão bem observada por Simone de Beauvoir. Auta foi instruída dentro daquilo que era esperado para uma moça do seu segmento social. Essa instrução foi advinda tanto pelos estímulos da avó Dindinha no âmbito da casa quanto pelo ensino formal no seio do *Colégio São Vicente de Paulo*.

No âmbito doméstico, Auta teve a influência da avó Dindinha de quem recebeu grande influência no aprendizado, pois conforme nos diz Simone de Beauvoir “as mulheres, quando é confiada a elas uma menina, buscam, [...], transformá-la em uma mulher semelhante a si próprias” (BEAUVOIR, 2009, p. 377). E foi com essa intenção que Dindinha iniciou a menina nas prendas domésticas aprendendo a costurar, bordar, executar trabalhos de gosto e também de como lidar com os serviços cotidianos da casa, “bordar letras um lenço, abrir desenho numa colcha, pregar um botão, fazer flores de papel, confeitar bolo, trincar uma galinha assada” (CASCUDO, 1961)

Até mesmo as suas brincadeiras de criança que são descritas por Cascudo sugerem certa afirmação de passividade pois conforme nos diz Simone de Beauvoir é “a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina”” (BEAUVOIR, 2009, p. 375). Dentro dessa realidade, eis que surgem as brincadeiras de meninas sempre associadas ao universo do ser dona-de-casa e do ser mãe, afinal de contas conforme coloca Simone de Beauvoir, não existe um “sentimento materno”, essa idéia é um mito.

Acreditamos que isso foi bastante presente no cotidiano de Auta, pois assim como Cascudo deixa transparecer em seu trabalho, o universo infantil da escritora foi povoado por elementos que reforçavam a condição do que era ser uma mulher feminina, “além das bonecas de pano, de louça e de barro. Brincar de dona-de-casa. Cozinhado de

boneca, com folha picada e água fria, servindo a refeição em cacos de porcelana” (CASCUDO, 1961, p. 36). Nesse sentido, ele reforça que pelo desejo da escritora ela seria uma extensão daquilo que suas avós e mãe foram.

Por outra via, Cascudo também diz que Auta tinha sim pretensão de se tornar escritora conhecida, indício disso segundo ele, foi o fato da poeta ter organizado seus manuscritos e publicado na imprensa. O irmão Henrique por sua vez, achava o contrário dizendo que Auta não pretendia notoriedade, com o que Cascudo não concordava. Isso ficou bem acirrado no momento em que Cascudo propôs uma lápide para Auta no jazigo da família em Macaíba ao que Henrique se opôs.

Em relação à educação formal que teve, ela foi feita no *Colégio São Vicente de Paulo*, colégio religioso do Recife regido sob o regime de internato e destinado ao ensino de meninas conforme vimos anteriormente. A exemplo de outras escolas da época, o referido colégio promovia um determinado padrão de educação em que evidenciava e legitimava a sociedade patriarcal cujos valores enfatizavam apenas que as mulheres deveriam se adequar a um modelo ideal, ou seja, ele preparava as moças para serem freiras resignadas ou esposas devotadas. (FALCI, 1997).

Aquelas que buscaram sobrepor-se a estas barreiras, questionando timidamente alguns princípios ou militando abertamente eram duramente marginalizadas. Já aquelas que através da escrita buscavam colocar abaixo as imposições sociais de um contexto sexista e discriminatório, como também o domínio masculino sobre as mulheres tiveram suas obras e imagens rechaçadas e banalizadas. Conforme Ana Laudelina Gomes:

Pode-se pensar em termos de aceitação daquelas obras cujas temáticas não contribuíssem, no plano das idéias, para desestabilizar o domínio patriarcal vigente ou, no mínimo, não se opusessem a ele já que “a literatura que promovia a “voz das mulheres” era rejeitada, sob interdições e sarcarmos. O acolhimento só existia para aquele tipo de literatura “de ilusão”, de “evasão” (GOMES, 2000, p. 155).

Podemos citar mais uma vez, como exemplo de rejeição a escritora e pioneira do Movimento Feminista no Brasil Nísia Floresta, conterrânea de Auta de Souza. Nísia morou por muitos anos na França onde também faleceu em 1885, e nesse país estabeleceu trocas intelectuais com importantes personalidades da época, como Auguste

Comte (DUARTE, 2008). Por muito tempo, Nísia foi desconhecida pelos norte-riograndenses haja vista o silenciamento que a crítica literária legou-lhe. Relacionando Auta a Nisia Floresta, por exemplo, percebemos nitidamente duas condutas distintas, na qual a primeira é considerada como modelo de mulher por mostrar seguir os padrões de conduta da sociedade vigente enquanto sua conterrânea não se submete e se contrapõe.

Assim, Eva e Maria certamente se fazem presentes nesse imaginário católico, uma vez que na sociedade patriarcal enquanto a primeira é aquela que desobedece e que é expulsa do paraíso, a segunda se mostra obediente, submissa e a elevar as demais mulheres à redenção. No que diz respeito à comparação entre ambas, Forte destaca que: “Em Maria, Eva redescobre qual é a verdadeira dignidade da mulher, da humanidade feminina. Essa descoberta deve continuamente chegar ao coração de cada mulher e dar forma à sua vocação e a sua vida” (FORTE, 1991, p. 27). Assim, diferentemente de Nísia Floresta que colocou a mostra e questionou pontos contraditórios de uma sociedade que vivia sob o domínio masculino, nos parece que Auta correspondeu a um padrão de mulher desejado pela sociedade da época.

Os primeiros escritos de Auta datam de 1893. Além da influência escolar, tradicionalmente católica, Auta também sofreu influências do catolicismo popular da própria cultura religiosa em que esteve envolvida nos idos dos oitocentos. Daí a constante representação religiosa em seus escritos de elementos da cultura religiosa católica da época: novenas, terços marianos, missas e outros.

Jesus era a figura de adesão feminina sem limites, pois apresentava a remissão do pecado original, sobretudo na figura da virgem Maria, modelo ímpar de mulher e de mãe (CASCUDO, 1961). Justificativas estas da marca forte de um simbolismo religioso em sua poesia, em uma construção mística de metáforas. Como já foi mencionado, foi no *Colégio São Vicente de Paulo* onde teve contato com a literatura francesa, especialmente a de caráter religioso católico. A devoção a Maria neste período é justificável, mediante a imagem que ela representa, já que:

[...] Maria, a mãe de Jesus, mãe de Deus, tal como é apresentada pelo mundo androcêntrico e patriarcal, não provoca conflitos, mas ao contrário, fortalece as bases culturais desse mundo, na medida em que se tornou também a sua grande mãe. (GEBARA, 1987, p. 12).

Neste contexto a figura de Maria tendia a funcionar como mediadora entre o mundo real e o mundo espiritual possuindo ainda características anômalas quando considerada como ser humano. Tais anomalias iam desde o fato de Maria ser humana sem pecado ao de ter concebido um filho e permanecendo virgem.

Foi exatamente num contexto social e cultural onde o catolicismo tinha bastante força no Brasil e também no Rio Grande do Norte que Auta viveu. Podemos citá-la, enquanto modelo de moça católica, pertencente a uma família patriarcal e oligárquica, de cultura e educação oitocentista, vitimada pela tuberculose e que, segundo Cascudo evadia o medo da morte em versos (CASCUDO, 1961). Sobre as mulheres desta sociedade pode-se constatar que o silêncio diante do tão discutido patriarcalismo era algo imposto, sobretudo pela doutrina católica, conforme pode-se observar adiante:

[...] Este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual ou escrituária. O corpo das mulheres, sua cabeça, seu rosto devem às vezes ser coberto e até mesmo velados (PERROT, 2005, p.10).

No que tange ao corpo, cada movimento, gesticulação e atitudes vão estar respaldados numa idiossincrasia social, e não simplesmente resultados de mecanismos puramente individuais e aleatórios (MAUSS, 2003). A respeito destas técnicas do corpo como nos diz Mauss, cada sociedade vai possuir hábitos próprios que se adequam conforme o sexo e a idade sendo eles resultado de uma construção, sobretudo cultural que é apreendida ou imposta através da educação e da observação de uma autoridade.

Nos oitocentos, as meninas tinham uma educação que buscava moldá-las a um padrão de comportamento de resignação e aceitação às normas impostas, padrão este muito elogiado e valorizado na época. Como nos diz Gilberto Freyre: “As meninas criadas em ambiente rigorosamente patriarcal, estas viveram sob a mais dura tirania dos pais – depois substituída pela tirania dos maridos” (FREYRE, 1998, p. 421).

Além de ser mulher, o fato de Auta querer se integrar aos círculos intelectuais também era algo complicado naqueles idos, as mulheres que circulavam pelo espaço público eram mal vistas e criticadas. Somado a isso, ter a pele escura e descender de africanos era outra subalternidade a ser derrubada por ela. Como vimos anteriormente

era grande a carga de preconceitos sofridos pelas escritoras negras oitocentistas, sobretudo para aquelas que faziam questão de se dizerem abertamente que eram negras para termos uma idéia do quanto a militância e o afimar-se era complicado.

Talvez por medo das críticas ou como forma de estratégia para não se comprometer e comprometer os seus irmãos, que também foram escritores, mas o fato é que Auta lutou contra as próprias inibições pessoais e se sujeitou à crítica literária da época composta em sua essência por homens, homens estes que menosprezavam as escritoras e conferia-lhes o título de **poetizas**, um título que, segundo Ana Laudelina Gomes (2000), tinha um peso menor e depreciativo que as desqualificavam em contraposição ao homem, o **verdadeiro poeta**.

Um exemplo de texto que exalta mais que também vê com reservas a poesia de Auta é o prefácio de seu livro **Horto**, prefácio escrito por Olavo Bilac, que à época era tido como o maior poeta segundo a crítica. Em seu texto, Bilac escreve: [...]. Não há nas estrofes do Horto o labor pertinaz de uma artista, transformando as suas idéias, as suas torturas, as suas esperanças, os desenganos em pequeninas jóias, [...]. (BILAC, *apud*. SOUZA, 2009, p. 29). Assim, eram de críticas como estas que as escritoras se mostravam temerárias, medo que as levavam a destruir suas próprias composições, antes mesmo de publicá-las (GOMES, 2000).

Até mesmo a escrita que Auta produziu de si em seus poemas, segundo alguns críticos literários, procura produzir um afastamento de suas origens mestiças, a ponto dela não ser considerada por muitos deles como uma escritora afro-descendente. Auta é excluída do cânone por alguns críticos, justamente pelo fato dela não tocar abertamente na questão da escravidão, não fazer militância nem por trazer personagens negros em sua obra. Por outro lado, Auta traz no **Horto** uma epígrafe de Castro Alves, principal poeta abolicionista, e do qual também recitava poemas nos saraus que participava.

Outros autores, tais como Monique Adelle Callahan em seu estudo (2011), defendeu a inserção de Auta neste cânone e avaliou sua poesia enquanto uma expressão de teor pós-diáspora num contexto transnacional que obteve ressonância em terras brasileiras exatamente como Paul Gilroy em seu **O Atlântico Negro** (2001) que vem defender a inserção de outros escritores negros no mesmo cânone.

Até porque a militância fechava portas e levava à marginalidade as mulheres escritoras, sobretudo as negras. Possivelmente, Auta tinha essa consciência, até porque além das subalternidades advindas por ser negra ainda tinha contra si o fato de ser tuberculosa e solteirona. Também estava subordinada a três irmãos homens e morava numa Província bastante atrasada, arraigada a valores impostos pela cultura católica, de tradição patriarcal e distante dos grandes círculos intelectuais do país.

Considerações finais

Após analisarmos em linhas gerais Auta e sua trajetória, observamos como esta abordagem nos possibilita uma visão crítica desse período em que, ao contrário de Auta, algumas mulheres não ficaram conhecidas por sua atuação intelectual, ao contrário, foram rechaçadas e relegadas ao ostracismo porque criticavam os valores sexistas e conservadores da época que relegava à invisibilidade os negros e seus descendentes.

Assim no presente artigo, Auta revela-se enquanto uma janela que nos permite visualizar um contexto social de lutas e conquistas femininas, momento em que ela teve que enfrentar barreiras. Dessa forma, sempre que falarmos em mulheres intelectuais oitocentistas, a figura de Auta vai nos remeter uma grande importância, principalmente quando contrastamos sua personalidade com a de outras mulheres que foram banalizadas pelos valores e ideais de uma sociedade regida pelos ditames masculinos e que estruturava sua imagem através da negação dos negros e da sua cultura.

Referências

BEAVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

BILAC, Olavo. Prefácio da 1ª Edição. In: SOUZA, Auta. **Horto**, outros poemas e ressonâncias: Obras reunidas. Natal: EDUFRN. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

CALLAHAN, Monique Adelle. **Between the lines: literary transnationalism and African american poetics**. New York: Oxford University Press, 2011.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado. 1987.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)**. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. 2. ed. rev. Natal: EDUFRN. 2008.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.) BASSANEZI, Carla (Coord. Textos). **História das mulheres no Brasil**. 7. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do Mistério**. São Paulo, Paulinas, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria Clara. **Maria, mãe de Deus e dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Auta de Souza: representações culturais e imaginação poética**. 2000. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3. ed. Natal: Cooperativa cultural. 2009.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Escritoras negras: resgatando a nossa história**. Rio de Janeiro. CIEC/UFRJ, 1989. (Coleção papéis avulsos).

MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). **Escritoras brasileiras do século XIX**. 2 ed. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2000.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ORTNER, S. Está a mulher para a natureza, assim como o homem para a cultura? In: Rosaldo, MICHELLE Z. & LAMPHERE, L. **A mulher, a cultura, a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. Introdução. In: **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador: Edufba: Pallas, 2003.

SOUZA, Eloy. **Memórias**. Natal: Fundação José Augusto. 1975.

SOUZA, Auta de. **Horto, outros poemas e ressonâncias**. Obras reunidas de Auta de Souza. Organização de Alvamar Medeiros, Ana Laudelina F. Gomes e Angelita Araújo. Natal: EDUFRRN. 2009.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.